

RELATÓRIO FINAL

**Chamada CNPq/MinC/SEC
N.º 80/2013**

**Território, patrimônio e
identidade cultural na
economia criativa em
Planaltina - DF**

Regina Coelly Fernandes Saraiva

RESUMO

A pesquisa *Território, patrimônio e identidade cultural na economia criativa em Planaltina – DF* teve como objetivo (re)conhecer e registrar arranjos produtivos locais (APLs) que contribuem para a valorização do patrimônio e identidade cultural de Planaltina – DF, visando potencializar a cidade como território criativo. Planaltina possui valioso patrimônio cultural constituído antes da construção de Brasília, ainda quando a cidade pertencia aos vastos sertões de Goiás. Festas tradicionais religiosas, antigos casarios e outras tradições estão presentes na cidade. O Cerrado é o bioma predominante na região e suas áreas remanescentes representam valioso patrimônio ambiental. A pesquisa revelou a presença de arranjos produtivos locais em Planaltina de artesãos e artesãs, cujos produtos estão relacionados ao patrimônio cultural e ambiental da cidade. Foram realizados questionários e entrevistas com artesãos e artesãs com a intenção de identificar e caracterizar esses arranjos produtivos. Os APLs de Planaltina são incipientes, mas ainda assim são promotores do desenvolvimento local, gerando renda e trabalho e contribuem para a valorização e preservação do patrimônio cultural e ambiental locais. Apoio governamental, capacitação e ampliação de espaços de comercialização e exposição foram as principais demandas dos artesãos e artesãs entrevistados. Potencializar esses arranjos produtivos locais é uma condição necessária para a salvaguarda de Planaltina como território criativo.

Palavras-chaves: Patrimônio, identidade, arranjos produtivos, Planaltina, território criativo.

SUMÁRIO

Apresentação	03
I. Do local do estudo: Planaltina cidade patrimônio	04
Planaltina cidade sertaneja	04
Planaltina no plural: Planaltinas	08
Cerrado: patrimônio ambiental em Planaltina	11
II. Da metodologia	12
III. Dos Arranjos Produtivos Locais em Planaltina e o patrimônio cultural e ambiental	15
Arranjos produtivos locais (APLs): abordagem conceitual	15
APLs e Territórios Criativos	16
Arranjos produtivos locais identificados de Planaltina	17
IV. Da equipe envolvida	45
V. Dos recursos financeiros	45
Considerações Finais	46
Referências	47

APRESENTAÇÃO

A pesquisa *Território, patrimônio e identidade cultural na economia criativa em Planaltina – DF* é parte da Chamada CNPq/MinC/SEC N.º 80/2013 e teve 15 meses de duração (de janeiro de 2014 a abril de 2015). Durante esse período, 48 artesãos e artesãs de Planaltina, Distrito Federal, participaram da pesquisa, cujo objetivo geral foi (re)conhecer e registrar arranjos produtivos locais voltados para a valorização do patrimônio e identidade cultural de Planaltina – DF, visando potencializar a cidade como território criativo.

O relatório final, ora apresentado, tem como objetivo sistematizar os resultados finais da pesquisa. Para tanto, foi dividido em cinco tópicos com a intenção de melhor visualização dos resultados:

No tópico I, é apresentado o local de estudo, a cidade de Planaltina, e suas especificidades. Aspectos da história e a caracterização do patrimônio cultural e ambiental existentes em Planaltina foram fundamentais para dar maior clareza ao estudo e fundamentar parte dos resultados/análise aqui apresentados.

O segundo tópico traz a metodologia, a definição da amostragem, os sujeitos da pesquisa e o perfil da amostra de pesquisa. Nesse tópico estão registrados os critérios definidos para identificar os arranjos produtivos locais (APLs) em Planaltina.

No tópico três são apresentados os resultados da pesquisa e a análise das informações levantadas, considerando os objetivos e metas previstos. Os APLs identificados em Planaltina foram sistematizados e caracterizados e uma breve abordagem conceitual sobre arranjos produtivos locais, territórios criativos e Planaltina como território criativo também são apresentados nesse tópico.

A equipe envolvida na pesquisa, os recursos financeiros disponibilizados e os principais gastos são apresentados nos tópicos IV e V respectivamente.

O relatório finaliza com algumas considerações sobre os resultados da pesquisa e aponta para ações futuras necessárias para que os arranjos produtivos identificados em Planaltina possam ser potencializados e possam fortalecer Planaltina como território criativo.

I. DO LOCAL DO ESTUDO: PLANALTINA CIDADE PATRIMÔNIO

Planaltina, cidade do Distrito Federal (DF), possui uma população de 235 mil habitantes (IBGE, 2010). É a VI Região Administrativa do DF (RA VI), com Índice de Desenvolvimento Humano de 0,764, considerado médio (CODEPLAN, 2010/2011). Seu território está localizado na porção Norte do DF, em região do bioma Cerrado.

Segundo registros oficiais, a cidade foi fundada em 19 de agosto de 1859, como cidade do estado de Goiás. A Lei 4.545, de 10 de dezembro de 1964, oficializou Planaltina como cidade do Distrito Federal. Mas desde 1955, o território da cidade já havia sido incorporado ao Quadrilátero do Distrito Federal, ainda na época da construção de Brasília.

Planaltina cidade sertaneja

Planaltina é uma cidade plural. Nasceu sertaneja, e vai ao encontro da modernidade, ganhando autonomia e identidade próprias. Rever a história da cidade nos ajuda compreender suas complexidades.

A cidade possui em sua essência o vigor da história. Sua origem remonta ao século XVIII, mas pertence ao Distrito Federal desde 1955 quando parte do seu território foi incorporado ao quadrilátero que deveria sediar a Nova Capital, Brasília. É também uma cidade consolidada, mas muitos momentos da sua trajetória foram marcados por problemas e contradições sociais; muitos superados, outros ainda em busca de solução.

Planaltina nasceu como cidade goiana, em meados do século XVIII. A região onde está localizada era parte do circuito do ouro em Goiás, que se movimentava em torno da Estrada Real da Bahia (ou Picada da Bahia). Esse caminho fazia a ligação, ao norte, entre o Sertão dos Goyazes com alguns dos mais importantes centros da vida colonial daquele período: Salvador e Cachoeira (BA). Por ele circulavam tropeiros e mineradores. Além disso, esses caminhos eram, ao mesmo tempo, vias de escoamento de mercadorias e instrumento de controle do comércio colonial: função atestada pelo estabelecimento dos registros e contagens (MAGALHÃES; ELEUTÉRIO, 2008).

O rápido crescimento das populações ligadas ao trabalho nas lavras dos Goyazes levou a Administração Colonial a tomar medidas facilitadoras para o estabelecimento de pequenos núcleos de apoio à atividade mineradora. Foram então doados imensos lotes de terras, as sesmarias, como forma de incentivo à fixação de agricultores e pecuaristas em locais

próximos à região mineira. Criaram-se, assim, as condições iniciais para a formação dos primeiros povoados e vilas.

O Arraial do Mestre D'Armas, que dá origem a Planaltina, é desse contexto. Sua história remonta à década de 1770, quando, segundo a tradição oral, um descendente de bandeirantes escolheu o lugar para construir sua casa e se dedicar ao trabalho de ferreiro, de consertar e manejar armas. Esse mestre de armas se instalou na região, atendendo os viajantes que transitavam pelas minas de Goiás e Tocantins (no sentido da Estrada do Norte).

Na primeira metade do século XIX, o Arraial ganhou registro nos mapas da região, e é citado como referência devido a sua posição geográfica estratégica: estava localizado no centro divisor de bacias; passagem quase que obrigatória para os viajantes do sertão planaltino.

O território onde se situava Mestre D'armas pertenceu, de início, à Vila de Santa Luzia (atual Luziania), tendo se transferido para o julgado de Couros (atual Formosa), em 20 de junho de 1837. A partir de então, sucessivas anexações e desanexações ocorreram provocadas por manifestações da população local, levando o povoado a pertencer, de acordo com as preferências políticas do poder dominante, ora a Vila de Santa Luzia, ora a Vila de Formosa (CHAVES; SINOTI, 2002). O Arraial de São Sebastião de Mestre D'Armas manteve o “santo nome” até 1891, quando então passou a se chamar Vila de Mestre D'Armas, ganhando pela primeira vez autonomia administrativa.

A região onde está situada Planaltina era parte do circuito do ouro em Goiás. Com o declínio da mineração, no final século XVIII, a base da economia passou a ser a agricultura e a pecuária, definindo a vocação rural de muitas localidades do interior goiano até meados do século XX. Essa vocação esteve durante muito tempo associada à visão de “decadência” que marcou toda a região, e que também atingiu Planaltina.

Dentre os mais variados argumentos alegados para justificar a decadência, temos a precariedade das estradas, a falta de incentivos da Coroa para colocar em funcionamento novos meios de comunicação e o constante ócio em que vivia o povo de Goiás... todo esse conjunto de negativas criou uma imagem de Goiás que ficou gravada, por intermédio da cultura dos viajantes, como verdade incontestável... Repetida pelos historiadores contemporâneos, Goiás passou a ter um perfil de decadência, retrato de uma sociedade que parecia não ter o mínimo básico para existir devido à sua inoperância, sua carência de

tudo, sua solidão traduzida em isolamento, sua redoma de preguiça (CHAUL, 1997, p.35).

Essa visão de decadência foi construída historicamente ainda quando as vastas e indefinidas terras interiores do Brasil, ou o sertão, já era representado pela dicotomia sertão/litoral. O sertão era visto como o incógnito, lugar ermo e distante; espaço do bárbaro e da tradição em oposição ao espaço civilizado do litoral, onde floresce a vida urbana, centros de saber e progresso. Associado ao mundo rural, o sertão é o espaço delimitado para as sociedades tradicionais, marcadas pelo atraso e ignorância em oposição à vida urbana que representa a modernidade.

O espaço físico do sertão é imaginado como terras do interior, longínquas, ermas, isoladas, amplas, vazias, desérticas, pouco povoadas, áridas, selvagens, cheias de mato e de gado, terras do sem fim. O seu povo é imaginado como pobre, miserável, forte, bravo, macho, subdesenvolvido, ignorante, violento, inquieto, revoltoso, sem-lei, livre, sábio, criativo, supersticioso, religioso, devoto, resignado, respeitador, austero e móvel. A sociedade que compõe esse povo é tradicional, anacrônica, rural, latifundiária, autoritária e mística. Imagina-se a cultura desse povo como rústica, simples, popular, regional, rural, tradicional, folclórica e rica (SCHETTINO, 1995).

No século XIX, a visão de decadência das cidades goianas também foi reforçada por viajantes que percorreram o interior goiano e se depararam com o processo de ruralização que marcou a região, no período pós-mineração (CORRÊA, 2001).

Modernizar o sertão passou a fazer parte do projeto nacional, a partir da “decretação” getuliana da “Marcha para o Oeste”. Esse projeto de modernização proposto por Getúlio Vargas tinha a intenção de integrar as regiões interiores ao restante do país. A inauguração de Goiânia, em 1937, foi a primeira tentativa de trazer o moderno/urbano para a região, em meio a cidades coloniais remanescentes do período do ouro e fazendas de gado que se distribuíam por todo o Goiás.

Em 1910, a Vila de Mestre D’Armas teve seu nome alterado para Vila de Altamir, que significa “boa miragem” e, só a partir de 14 de julho de 1917, passou a chamar-se Planaltina.

Na década de 20, a cidade viveu um período de prosperidade e muitas mudanças: automóvel, energia elétrica, implantação de uma empresa de curtume, fábrica de calçados, e abertura da estrada de rodagem ligando Planaltina a Ipameri. Ganhou visibilidade no cenário

nacional no ano do Centenário da Independência do Brasil, 1922, quando houve o lançamento, em seu território, da Pedra Fundamental da Futura Capital, assentada no Morro do Centenário, Serra da Independência. Planaltina, nessa época, ficou conhecida em todo o país, como o local que abrigaria a futura Capital do Brasil.

Na década de 30, as ideias de transferência da Capital perderam força. Planaltina também viveu um período de interrupção no surto de desenvolvimento da década anterior, devido a questões políticas entre o interventor de Goiás, Pedro Ludovico e a família Caiado que, tradicionalmente dominava a vida política de Goiás.

Nos anos 40, a mudança da Capital é retomada no cenário político e Planaltina hospedou a Comissão Poli Coelho, que decidiu pela manutenção da localização da futura Capital no mesmo local indicado pela Missão Cruls, em 1892. O quadrilátero do Distrito Federal foi delimitado somente em 1955, com uma área de 5.814 Km quadrados, abrangendo a sede e grande parte do território de Planaltina. Com essa nova definição e com a inauguração de Brasília, Planaltina passou de sede de município goiano para “cidade-satélite” de Brasília, hoje Região Administrativa VI.

A ideia de integração das terras sertanejas a um projeto de modernidade do país foi retomada somente com Juscelino Kubitschek que concretizou esse projeto a partir de 1955 quando assumiu o governo. O grande marco simbólico desse projeto foi a inauguração de Brasília, em 1960. A Capital Federal foi construída no centro do país, ladeada pela cultura sertaneja que, em meio a uma mistura de desejo e espanto, viu a cidade ser erguida: “era a coisa mais esperada aqui para nós, aquela força de vontade que viesse (...) era Brasília.” (Relato de Viriato de Castro, In: MONTI, 2002, p. 67).

O desejo da transferência da Capital para o interior do país é antigo: data do período colonial e percorreu muitos momentos da história. Planaltina se entrecruza com essa história, quando em 1922, foi inaugurada na cidade a Pedra Fundamental da futura Capital da República, a partir do projeto do deputado goiano Americano do Brasil. Entre os sertanejos, era forte a ideia de que a construção da Capital no interior traria novas oportunidades e possibilidades para a região. Essa ideia circulava com intensidade e, com JK, ela se efetiva.

A construção de Brasília traz a marca da modernidade. A cidade, ao ser erguida em pleno sertão, tinha como objetivo mudar o quadro social, político e econômico que predominava nas terras interiores do Brasil. Desconstruir a ideia de decadência, associada à

região, e romper os laços de tradição bastante fortes na porção central do país eram intenções do projeto, que tinha no urbano, na cidade modernista, seu elemento concreto.

A construção de Brasília imprimiu muitas modificações a Planaltina. A autonomia política da cidade foi o primeiro aspecto a ser modificado. Em 1955, parte do território de Planaltina foi incorporada ao quadrilátero do Distrito Federal e Planaltina perdeu a condição de município goiano. A outra parte do município que ficou fora do DF, passou a chamar-se Planaltina de Goiás, mais conhecida como “Brasilinha”.

Ao ser incorporada como “cidade satélite” de Brasília, a tradicional Planaltina se viu diante da necessidade de se modernizar. Com isso, parte do seu patrimônio cultural, festas, casarios e outros elementos da tradição cultural sertaneja foram bastante afetados: casas foram demolidas e muitas festas tradicionais deixaram de ser realizadas. A ideia de ter de acompanhar o ritmo modernista da Nova Capital predominou durante muito tempo. Nesse sentido, Planaltina teve muitas perdas.

Planaltina, como cidade pertencente ao DF, se deparou com a condição de ser também uma “cidade moderna”, com seus problemas e dificuldades: falta de emprego, violência urbana, crescimento desordenado, entre outros exemplos. Houve anos que a cidade chegou a ser considerada uma das mais violentas do Distrito Federal, exigindo do poder público uma atuação mais presente. Modos de ver Planaltina como “cidade-satélite” ou “cidade de periferia” impõe uma condição de marginalidade à cidade e a esvazia de seus sentidos próprios.

Planaltina no plural: Planaltinas

A pluralidade de Planaltina se revela na existência dos vários bairros, condomínios e áreas rurais, todos com identidades próprias, e que formam a Região Administrativa VI. A vida urbana de Planaltina é intensa e cada lugar da cidade possui uma característica peculiar que, ao mesmo tempo, forma uma única cidade. O núcleo urbano da cidade é formado pelo Setor Tradicional (marca da Planaltina sertaneja), Vila Vicentina, Buritis I a IV, Estância Mestre D’Armas I a V, Mestre D’Armas, Mestre D’Armas Itiquira, Rural Mestre D’Armas, Nova Esperança I e II, Mansões Itiquira, Park Mônaco, Estância, Mansões Mestre D’Armas, Vila Nossa Senhora de Fátima, Jardim Roriz, Arapoanga, Vale do Amanhecer e vários condomínios que foram sendo criados para atender a demanda de moradia na cidade.

O núcleo rural é um dos mais tradicionais do DF. Hoje, nesse espaço estão presentes assentamentos rurais da reforma agrária, constituídos a partir da organização de movimentos sociais e da nova dinâmica da terra no Distrito Federal.

O Setor Tradicional de Planaltina traz a marca da origem da cidade (marca da Planaltina sertaneja), representado nos antigos casarios que existem, mas que sofrem constantes ameaças de desaparecimento. O núcleo original da cidade foi se ampliando ao longo do tempo e foi se adaptando aos ares de modernidade que a cidade assumiu ao ser parte de Brasília. Em 1958, antes da inauguração da Capital, na gestão do prefeito Veluziano Antônio da Silva (Seu Luza), ocorreu a primeira expansão do núcleo original. Nessa expansão surgiram as avenidas Gomes Rabelo, São Paulo, Independência, Setor Sul e Setor Norte (ELEUTÉRIO, 2013).

A Vila Vicentina também é resultado do processo de modernização da cidade. Atraídos pela construção de Brasília migrantes goianos, mineiros e nordestinos passaram a ocupar um espaço de terras próximo a sede do município. Nessas terras, administradas pela Congregação de São Vicente de Paula, formou-se a Vila Vicentina.

O Setor Tradicional, nome que ganhou a partir da expansão da cidade, teve outra ampliação a partir de 1965, sob a coordenação do arquiteto Paulo Coelho, então Administrador de Planaltina. Nesse ano, também foram criados bairros operários como moradia definitiva dos trabalhadores da construção de Brasília, e de novos moradores que chegavam de várias partes do País. É dessa época a criação da “Vila Buritis”, oficialmente chamada de Setor Residencial Leste (que compreende hoje o Buritis I, II, III e IV).

O surgimento desses lugares impôs à Planaltina a “condição de ser mais moderna”, e gerou muitos conflitos. Havia, nos primeiros anos, uma clara insatisfação, entre os mais tradicionais, com o fato de a cidade ter que abrigar pessoas que vinham de fora. Os moradores da “antiga Planaltina” se viram diante da condição de ter que conviver com o novo.

O incipiente contexto trouxe um ritmo diferente à cidade, trazendo novos valores e novas identidades. O modo de vida tradicional sofreu muito reveses nessa época, mas ao mesmo tempo permitiu traduzir o lugar como a “marca da tradição”. Essa distinção é um diferencial daquela parte da cidade. Até hoje, é comum as pessoas se referirem a “Planaltina”, apenas como a área do núcleo histórico. Diz-se comumente: “eu vou lá em Planaltina”, quando se vai ao Setor Tradicional.

Os vários bairros de Planaltina estão associados ao contexto de modernidade da cidade. A demanda por moradia e a chegada cada vez maior de migrantes, a partir da década de 70, levam a consolidação de muitos lugares em Planaltina, como o Buritis I, que nas últimas décadas, tem se afirmado como o local de maior pujança comercial entre os bairros da cidade.

A expansão da Vila Buritis para II, III e IV também está associada à realidade de atender o direito à moradia de inúmeras pessoas que já viviam no local, e outras que continuavam chegando à Planaltina. No final da década de 80, a expansão do Buritis já era apontada como uma necessidade, no sentido de atender especialmente a demanda de uma população de baixa renda. Entre 1989 e 1994, foi executado pelo governo local um dos maiores programas de assentamento voltado para essa população, com uma oferta de aproximadamente 100 mil lotes urbanizados, atendendo várias localidades do Distrito Federal, entre elas Planaltina (PDOT, 2009). O Buritis IV possui 2.131 lotes, perdendo somente para o Buritis I, com 3.710 lotes.

No sentido de fortalecer sua identidade e o futuro que deseja afirmar, os moradores de Planaltina revelam toda sua efervescência cultural nas festas e comemorações que ensejam a participação da comunidade em manifestações religiosas (católicas, evangélicas, ou espíritas) e outras. A Via Sacra, a Festa do Divino Espírito Santo, os ritos do Vale do Amanhecer, a Festa de Pentecostes, os blocos carnavalescos, são algumas expressões culturais características de Planaltina. A cidade, entre as outras que formam o Distrito Federal, se destaca por mobilizar seus moradores e toda a população em torno dessas múltiplas tradições.

Essa atitude/mobilização chama a atenção para o fato de que a cidade não é só uma “cidade periférica” marcada por problemas sociais. Planaltina se revela, entre outras coisas, por meio de sua particularidade histórica e cultural. Demarca sua importância ao pertencer a Brasília, não somente por ser a maior cidade do Distrito Federal, mas por possuir valores e identidade próprios.

A cidade possui valioso patrimônio cultural, constituído pela forte relação com a história sertaneja que marca Planaltina, mas também pelas novas referências culturais que vão se constituindo à medida que a cidade foi crescendo. Ao ser incorporada como cidade de Brasília, o patrimônio cultural local foi duramente impactado. Atualmente, a comunidade tem buscado alternativas para a valorização do seu patrimônio remanescente e para a garantia de

preservação de antigos casarões, festas, tradições religiosas e outras, no sentido do fortalecimento de sua identidade local.

Cerrado: patrimônio ambiental de Planaltina

O bioma Cerrado é predominante na região de Planaltina. O Cerrado presente no território de Planaltina está bastante alterado, especialmente em função da expansão urbana verificada nos últimos anos. Ainda assim, é possível identificar áreas ambientalmente protegidas, com destaque para a Estação Ecológica de Águas Emendadas (ESECAE)¹ e para os parques ecológicos presentes em seu território, que formam o patrimônio ambiental da cidade.²

Com exceção do Parque Ecológico Sucupira, que teve sua área parcialmente implantada em 2014, os outros parques não foram implantados. A ESECAE é a área de preservação ambiental de referência em Planaltina; junto com parques formam o patrimônio ambiental da cidade. A preservação e garantia da implantação dessas áreas protegidas de Cerrado são demandas para a garantia da sustentabilidade ambiental de Planaltina.

¹ A Estação Ecológica de Águas Emendadas é uma unidade de conservação (UC) de uso integral. Tem uma área de 10 mil 547 hectares e é destinada à proteção do ambiente natural, realização de pesquisas básica e aplicada em ecologia e à educação conservacionista. Em 1992 foi declarada pela UNESCO área nuclear da Reserva da Biosfera do Cerrado. O primeiro registro da região foi feito no Relatório da Comissão Exploradora do Planalto Central, coordenada por Luís Cruls, em 1892.

² Parque Ecológico Vivencial Estância; Parque Ambiental Colégio Agrícola de Brasília; Parque de Uso Múltiplo Vale do Amanhecer; Parque Ecológico do DER; Parque Ecológico dos Pequizeiros; Parque Ecológico e Vivencial Cachoeira do Pipiripau; Parque Ecológico e Vivencial do Retirinho; Parque Ecológico e Vivencial Lagoa Joaquim de Medeiros; Parque Ecológico Sucupira.

II. DA METODOLOGIA

A pesquisa *Território, patrimônio e identidade cultural na economia criativa em Planaltina – DF* teve duração de 15 (quinze) meses (de janeiro de 2014 a abril de 2015). As principais fontes de dados foram questionários e entrevistas. A amostra, de caráter não probabilístico, foi definida por acessibilidade, onde os informantes são selecionados devido ao acesso e por serem significativos para representar o universo (GIL, 2000).

O artesanato³, como expressão artístico-cultural foi escolhido porque já havia um diagnóstico preliminar, realizado por meio de visitas a artesãos e artesãs, e informações sobre pessoas cujos trabalhos/produção estava relacionada aos festejos tradicionais, especialmente os religiosos, como a festa do Divino Espírito Santo, a Via Sacra, Festa de São Sebastião, entre outras. Também havia conhecimento de artesãos e artesãs que se dedicavam a trabalhos com flores do Cerrado.

Ser artesão/artesã e ter sua prática vinculada às tradições e ao patrimônio de Planaltina foi um dos critérios definidos para fazer parte da amostra. A amostra privilegiou também a representação por bairros da cidade e sua área rural, para poder garantir uma representação abrangente do território e poder auxiliar no (re)conhecimento e análise de Planaltina como um território criativo.

Para (re)conhecer e registrar arranjos produtivos locais que contribuam para a valorização do patrimônio e identidade cultural de Planaltina – DF, foram aplicados 48 (quarenta e oito) questionários com artesãos e artesãs de Planaltina – DF, escolhidos seguindo critérios de produção articulados ao patrimônio cultural e ambiental da cidade.

A pesquisa teve início com visitas/encontros com artesãos e artesãs (janeiro e fevereiro de 2014) com o objetivo identificar possíveis participantes da pesquisa, mas também subsidiar as questões do questionário. Neste momento, foi realizado também contato com duas associações locais, Associação de Artesãos de Planaltina e a Associação dos Amigos Centro

³ Compreende toda a produção resultante da transformação de matérias-primas, com predominância manual, por indivíduo que detenha o domínio integral de uma ou mais técnicas, aliando criatividade, habilidade e valor cultural (*possui valor simbólico e identidade cultural*), podendo no processo de sua atividade ocorrer o auxílio limitado de máquinas, ferramentas, artefatos e utensílios (MDIC/PAB, 2012).

Histórico de Planaltina, que contribuiriam com a indicação de artesãos e artesãs que fizeram parte da amostra. Este momento atendeu a meta 1.1 prevista na pesquisa.⁴

Em fevereiro/março de 2014, os questionários foram elaborados e formatados. Foram considerados os seguintes aspectos: dados pessoais; dados ocupacionais; dados do produto; vinculação da produção com festas ou tradições de Planaltina; relação/uso de recursos naturais; caracterização da produção; comercialização da produção; apoio a produção; potencialidades do produto; entre outros aspectos.

Os quarenta e oito questionários foram aplicados entre os meses de março a dezembro de 2014. No processo de aplicação dos questionários, foram feitos registros fotográficos de cada artesão e artesã e do material produzido, ambiente de trabalho, principais materiais e peças.

O momento de aplicação dos questionários também permitiu que fossem identificados/cadastrados os possíveis arranjos produtivos locais (APLs) para a realização das entrevistas com os artesãos/artesãs empreendedores/as.⁵

Foram definidos os seguintes critérios para registrar e documentar os arranjos produtivos locais por meio das entrevistas:

- a atividade produtiva deveria ter **vinculação direta** com o patrimônio cultural e ambiental de Planaltina. Por vinculação direta, entenda-se atividades em estreita vinculação com festas tradicionais e/ou outros tipos de expressões culturais de Planaltina; serem voltadas para a valorização/conservação do patrimônio ambiental local.
- a atividade produtiva poderia ter **vinculação indireta** com o patrimônio cultural e ambiental de Planaltina. Por vinculação indireta, entenda-se atividade/produção eventual, ocorrendo somente em momentos de festejos ou outras atividades culturais da cidade; ou apresentar a intenção de promover a valorização do patrimônio cultural e ambiental de Planaltina.

Foram selecionados sete (7) Arranjos Produtivos Locais (APLs) para detalhamento e estudo: APL de Flores e Fibras do Cerrado; APL Festejo Tradicional do Divino Espírito Santo

⁴ Meta 1.1. Meta 1.1 – Visitar até 48 (quarenta e oito) artesãos e outros empreendedores em Planaltina, em 04 (quatro) meses, para reconhecimento de sua produção, visando identificar articulação com a valorização do patrimônio cultural de Planaltina.

⁵ A Meta 1.2. da proposta inicial previa o cadastro de até 30 (trinta) artesãos e outros empreendedores em Planaltina, cujos arranjos produtivos tenham como elementos a valorização do patrimônio cultural de Planaltina.

de Bordados e Estandartes; APL de Produtos Recicláveis; APL Mulheres da Reforma Agrária; APL Maria do Barro de Tecelagem e Tapeçaria; APL Sementes do Buriti; e APL de Produtos da Tradição de Planaltina.

As entrevistas foram realizadas de dezembro de 2014 a abril de 2015. Foram registrados em meio audiovisual e fotografias dos principais produtos gerados pelos artesãos e artesãs. As entrevistas foram degravadas, gerando além do registro audiovisual, o registro escrito de cada entrevista.

As entrevistas contemplaram os seguintes aspectos: história de vida; como o conhecimento foi adquirido; materiais utilizados; modos de fazer; condições de produção; comercialização; preocupação com o repasse do conhecimento; como a atividade/produção criativa contribui para a valorização do patrimônio cultural e ambiental de Planaltina; quais mecanismos utilizam para promoção e valorização do patrimônio cultural de Planaltina.⁶

⁶ Meta 2.1. da proposta previa registrar nos 30 (trinta) arranjos produtivos locais cadastrados em Planaltina, os mecanismos que utilizam para promoção e valorização do patrimônio cultural de Planaltina. Essa meta foi parcialmente atingida. Foram feitos registros somente dos sete arranjos produtivos locais selecionados para o estudo.

III. DOS ARRANJOS PRODUTIVOS LOCAIS EM PLANALTINA E O PATRIMÔNIO CULTURAL E AMBIENTAL

Arranjos produtivos locais (APLs): abordagem conceitual

Os arranjos produtivos de base local (APLs) começaram a ganhar destaque a partir de questionamentos aos modelos de produção de massa como único caminho para o desenvolvimento. Esses modelos se baseavam na ideia de que para gerar desenvolvimento em uma região bastava colocar uma grande empresa e a partir daí o mercado promoveria o desenvolvimento (SINGER, 2010).

O território e suas localidades começaram a ganhar importância enquanto referência de desenvolvimento. O local, entendido como partes de um município, um município, conjunto de municípios, bairros, bacias hidrográficas, vales, serras, e seu potencial de produção, passaram a ser elementos reconhecidos enquanto agente de promoção de desenvolvimento (CASTRO, 2009).

O território é importante para a atuação em um Arranjo Produtivo Local, desde que: possua sinais de identidade coletiva (sinais sociais, culturais, econômicos, políticos, ambientais, históricos, etc.); mantenha ou tenha capacidade de promover uma convergência em termos de expectativas de desenvolvimento; estabeleça parcerias e compromissos para manter e especializar os investimentos de cada um dos atores no próprio território; promova, ou seja passível de uma integração econômica e social no âmbito local (CASTRO, 2009).

Segundo Castro (2009), Arranjo Produtivo Local é uma aglomeração de empresas, localizada em um mesmo território, que apresenta especialização produtiva e mantém algum vínculo de articulação, interação, cooperação e aprendizagem entre si e com outros atores locais, tais como: governo, associações empresariais, instituições de crédito, ensino e pesquisa.

A definição proposta pela RedeSist⁷, compreende os arranjos produtivos locais (APLs) como aglomerações territoriais de agentes econômicos, políticos e sociais – com foco em um conjunto específico de atividades econômicas – que apresentem vínculos mesmo que incipientes, geralmente envolvendo a participação e interação de empresas e suas variadas

⁷ Rede de Pesquisas em Sistemas Produtivos e Inovativos Locais, coordenado pelo Instituto de Economia da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ).

formas de representação e associação. Incluem também diversas outras instituições públicas e privadas voltadas para: formação e capacitação de recursos humanos (como escolas técnicas e universidades); pesquisa, desenvolvimento e engenharia; política, promoção e financiamento. Desta forma, Sistemas produtivos e inovativos locais são aqueles arranjos produtivos em que interdependência, articulação e vínculos consistentes resultam em interação, cooperação e aprendizagem, com potencial de gerar o incremento da capacidade inovativa endógena, da competitividade e do desenvolvimento local (CASSIOLATO; LASTRES, 2003).

Para Lastres & Cassiolato (1999): “o termo aglomeração, seja ela produtiva, científica ou inovativa, tem como aspecto central a proximidade territorial de agentes econômicos, políticos e sociais (empresas, instituições e organizações públicas e privadas)”.

APLs e Territórios Criativos

O debate sobre arranjos produtivos locais e sua dimensão territorial para o desenvolvimento contribuiu para promover discussões em torno dos territórios criativos (BRASIL/MINC, 2012).

Os territórios criativos são parte do debate contemporâneo sobre as novas alternativas pensadas para os territórios. Territórios criativos são bairros, cidades ou regiões que apresentam potenciais culturais criativos capazes de promover o desenvolvimento integral e sustentável, aliando preservação e promoção de seus valores culturais e ambientais. Nesses espaços os moradores criam formas inovadoras, coletivas e solidárias de atendimento das suas demandas materiais e simbólicas específicas. São espaços contemporâneos onde seus moradores refletem sobre as novas relações com a cidade em que vivem.

Nessa concepção do território são fortalecidos elementos como qualidade de vida, relação com o meio ambiente, com o patrimônio cultural e novas formas de relacionamento interpessoal. Novas relações identitárias também são construídas com os espaços, sejam urbanos ou rurais.

Vários elementos contribuem para que os territórios criativos sejam potencializados, entre eles, a valorização de festas, tradições, relações sociais solidárias e aspectos econômicos fundados em experiências coletivas e solidárias.

A economia criativa é um elemento integrante desse novo modo de ver o território. Arranjos produtivos locais (APLs), especialmente o que valoriza e reconhece a

importância do território também passam a ser elementos importantes e impulsionadores dos territórios criativos. Esse tipo de economia afirma identidades e fortalece experiências que se distanciam de modelos econômicos de visão clássica. A identidade cultural com o território é uma marca valorizada desses APLs que agregam valor desde à forma de produzir até a venda do produto.

Essas experiências têm sido verificadas entre pequenos e médios empreendedores que se mobilizam pela causa das cidades e dos territórios qualificando-os como criativos. A economia criativa é um setor estratégico e dinâmico tanto do ponto de vista econômico como social. Suas atividades geram trabalho, emprego, renda e inclusão social.

No Brasil, muitos problemas em favelas e comunidades que apresentam problemas sociais, como violência, falta de emprego, entre outros problemas têm buscado alternativas por meio da construção dos seus territórios e economias criativas. O território criativo da Maré, no Rio de Janeiro, pode ser citado como experiência positiva nesse sentido.

Essa nova forma de conceber o território estabelece que a relação entre poder público e sociedade civil também seja redimensionada. A busca de soluções é pensada de forma coletiva, visando fortalecer bases locais e sustentáveis de desenvolvimento.

Para Fernandes e Gama (2008), o território criativo tem que ser considerado um espaço autêntico, informal, tolerante e com qualidade de vida, normalmente associado a um meio universitário, onde a prosperidade surge como um elemento exponencial.

Os territórios criativos por meio de suas experiências socioeconômicas agregam bens culturais, tecnologias sociais, tradições e elementos identitários como valor ao que se produz, ao que se consome, seja no mercado local, nacional ou internacional.

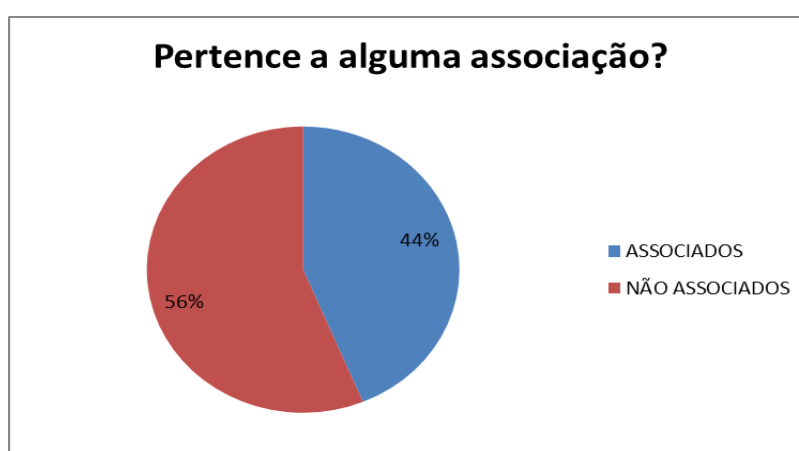
Arranjos Produtivos Locais identificados em Planaltina

A pesquisa foi realizada com 48 (quarenta oito) artesãos e artesãs de Planaltina. As mulheres representam a maior parte do grupo entrevistado, 56%, e os homens, 44%. São artesãos e artesãs que trabalham com cerâmica, tecelagem, arranjos de flores, adereços, estandartes, ourivesaria, esculturas, arranjos de fibras, movelaria, selaria, bordado, crochet, tricot, bonecas, tapeçaria, instrumentos musicais artesanais, fabricação de doces e bebidas artesanais.

Quanto ao grau de escolaridade, o grupo participante é bastante heterogêneo e apresenta muitos contrastes: 38% possui ensino médio completo; 30% ensino superior; e 2% não sabe ler e escrever.

A maioria não está vinculada a nenhum tipo de associação (56%). Alguns registraram que já perteceram às associações, mas preferiram se desvincular. Muitas associações foram apontadas, mas algumas deixaram de existir, motivadas principalmente por falta de interesse e compromisso com o trabalho ou porque tinham interesse num resultado financeiro mais rápido e os associados acabaram desistindo, desfazendo-se os coletivos produtivos.

Figura 1: Participação em Associação ou outro coletivo de produção.

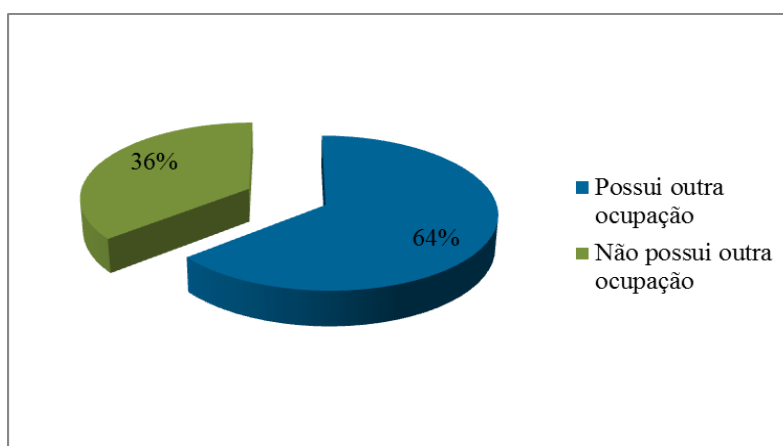


Fonte: Dados da pesquisa, Junho de 2015.

A representação com graus de fragilidade foi identificada como um indicativo de enfraquecimento dos arranjos produtivos locais (APLs) de Planaltina. Esse ponto será retomado abaixo.

Os dados ocupacionais revelaram que 64% dos entrevistados não são somente artesãos e artesãs e que dividem essa atividade com outras ocupações como: capinteiros, marceneiros, costureiras, donas de casa, professor, comerciante, cabelereira, entre outras ocupações.

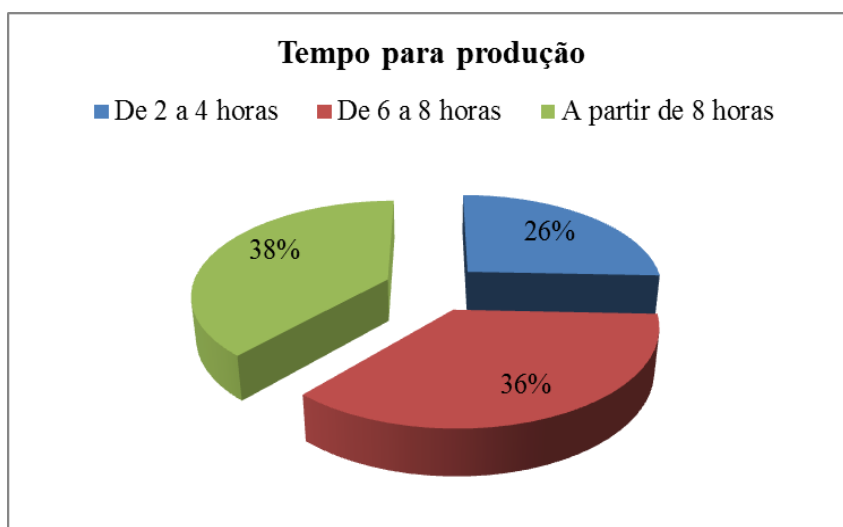
Figura 2: Dados sobre ocupação.



Fonte: Dados da pesquisa, Junho de 2015.

O tempo que disponibilizam para a produção é bastante variado, sendo que a maior parte dispõe de 6 a 8 horas, especialmente quando a demanda por seus produtos é alta, especialmente nos períodos de festas e eventos realizados em Planaltina ou em outros lugares.

Figura 3: Tempo de dedicação ao trabalho como artesão/artesã



Fonte: Dados da pesquisa, Junho de 2015.

A maioria (83%) dos artesãos e artesãs tem seus produtos vinculados às festas tradicionais de Planaltina de forma direta ou indireta. Festas, feiras e eventos da cidade foram apontados como momentos/locais importantes para a venda dos produtos, representando 67%.

O espaço onde produzem foi apontado por 65% dos entrevistados como não-apropriado para sua produção, ainda que sejam próprios. São, em sua maioria, pequenas oficinas, compartilhadas nas salas de estar, quartos, corredores, pequenos aposentos da casa, fundos de quintal e outros lugares.

A renda obtida pelo artesãos e artesãs participantes da pesquisa está representada na tabela abaixo:

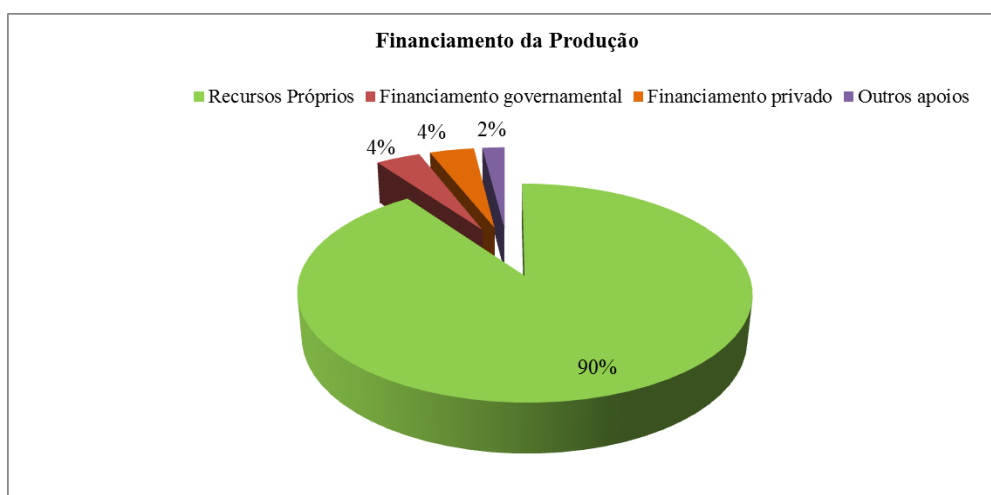
Tabela 1: Rendimentos de artesãos e artesãs de Planaltina - DF

Valor	Porcentagem
Até R\$ 500,00	33%
Entre R\$ 501,00 e 1.000,00	24%
Entre R\$ 1.001,00 e R\$ 2.000,00	26%
Entre R\$ 2001,00 e R\$ 5.000,00	11%
Acima de R\$ 5.000,00	6%

Fonte: Dados da pesquisa, Junho 2015.

O financiamento da produção é majoritariamente próprio e o financiamento público representa uma porcentagem baixa entre os entrevistados. A falta do financiamento público foi indicado como aspecto que poderia potencializar a produção dos artesãs e artesãos de Planaltina.

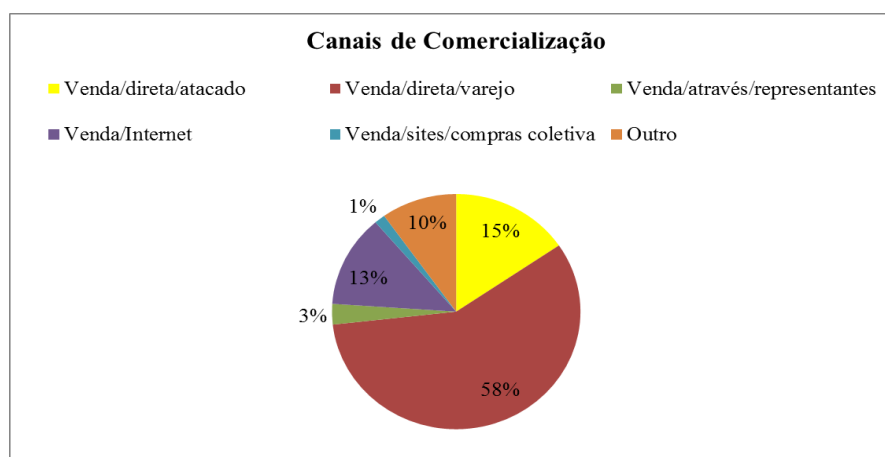
Figura 4: Financiamento da produção por artesãos e artesãs de Planaltina



Fonte: Dados da pesquisa, Junho de 2015.

Quanto a comercialização do produto, a venda direta no varejo (58%) é o principal canal, embora a venda no atacado tenha atingido a margem de 15%, e a venda pela internet 13%, conforme pode ser verificado na figura abaixo:

Figura 5: Canais de comercialização



Fonte: Dados da pesquisa, Junho de 2015.

Da amostra total (dos quarenta e oito artesãos e artesãs participantes da pesquisa), foram identificados os seguintes arranjos produtivos locais em Planaltina que têm vinculação (direta ou indireta) com o patrimônio cultural e ambiental da cidade:

APL Flores e Fibras do Cerrado

Este arranjo produtivo local é composto por artesãos e artesãs que trabalham com diferentes plantas do Cerrado, utilizando várias partes das plantas: flores, folhas, raízes, sementes, fibras, cipós, raízes, frutos, troncos. Optou-se por identifica-lo genericamente como APL Flores e Fibras do Cerrado.

Características do APL: grupo com espírito empreendedor bastante visível; alguns têm produção individual e outros foram coletivos, embora desenvolvam o mesmo produto; participação de mulheres e homens liderando o processo produtivo; dedicação de 6 a 8 horas no processo produtivo; preocupação em transmitir o conhecimento; consideram o trabalho importante, especialmente porque está vinculado aos recursos naturais do Cerrado e reconhecem a necessidade da preservação, e por ser um trabalho rentável. Alguns integrantes desse APL tiram toda sua renda do trabalho com arranjos de flores de Cerrado.

Feiras e exposições nacionais e internacionais no Distrito Federal (DF) e fora do DF foram apontados como lugares onde o APL está sempre presente. A Feira da Torre de TV, localizado na região Central de Brasília, é o principal ponto de venda e divulgação do produto. Em Planaltina, não foi identificado um lugar específico para venda do produto. Normalmente, a venda é feita no local onde trabalham.

Tabela 2: Dados do APL Flores e Fibras do Cerrado

Matéria-prima	Flores, folhas, raízes, sementes, cipós, fibras, troncos, frutos de diferentes espécies do Cerrado. Utilizam também palha de milho e/ou outras matérias primas.
Produtos	Arranjos de flores do Cerrado; móveis de fibras de buriti (bancos, baús, cadeiras, etc).
Características do processo produtivo	Uso de equipamentos rústicos e industriais (especialmente para cortes, como facas e máquinas de pequeno porte); aquisição de outros produtos para compor o produto (especialmente madeira para os móveis feitos com a fibra do buriti); baixa divisão de tarefas; baixo número de mão de mão-de-obra ocupada; trabalho manual e familiar; trabalho individual; dedicação exclusiva à produção; já passou por processos de capacitação voltados para melhorar o produto.
Financiamento da produção	Uso de recursos próprios; sem apoio financeiro público.
Rendimento do APL	entre R\$ 1.000,00 e R\$ 2.000,00 mensal é a renda predominante; foi registrada renda entre R\$ 2.001,00 e R\$ 5.000,00. Sendo que um artesão

	apontou renda acima de R\$ 5.000,00.
Representações identificadas	Associação dos Artesãos de Planaltina.
Principais dificuldades	Falta de espaço apropriado para a realização da atividade; ampliação de locais de exposição e venda do produto; dificuldade para aquisição da matéria-prima que já não é abundante, havendo necessidade de deslocamentos para fora do DF.
Relação com o patrimônio de Planaltina	Apresenta vinculação direta com o patrimônio ambiental de Planaltina. Promove a conservação do Cerrado por meio do manejo adequado da matéria-prima. Participam dos festejos tradicionais e de outras festas de Planaltina para divulgação do trabalho e por ser uma marca de Brasília.
Potencial de ampliação do APL	Apresenta muitas possibilidades de ampliação, por meio do fortalecimento entre os/as artesãos/artesãs de Planaltina. A Associação dos Artesãos de Planaltina poderia ser importante instrumento para viabilizar o potencial identificado por esse APL; a capacitação dos artesãos e artesãs foi apontada como elemento que poderia potencializar o trabalho.

Fonte: Dados da pesquisa, Junho de 2015.



Arranjos de flores do Cerrado. Foto: Regina Saraiva, 2014.



Arranjos de flores do Cerrado, na Feira da Torre de TV. Foto: Regina Saraiva, 2014.

APL Festejo Tradicional do Divino Espírito Santo de Bordados e Estandartes

Este arranjo produtivo local é composto exclusivamente artesãos que trabalham com uma produção relacionada aos festejos do Divino Espírito Santo. Possuem uma produção diversificada de estandartes, bordados, bandeiras e outros produtos relacionados ao festejo. Optou-se por identifica-lo genericamente como APL Festejo Tradicional do Divino Espírito Santo, embora na produção se identifique referência a outros santos, como São Sebastião, São Jorge, e outros.

Características do APL: caracterizado pela informalidade, e a atividade muitas vezes é relacionada a “atividade terapêutica”⁸. O grupo é constituído por coletivos com espírito empreendedor, mas também por produção individual, mas que sinalizam com possibilidade de ampliação de produção coletiva; as mulheres dominam o processo produtivo e apresentam preocupação na transmissão do conhecimento, especialmente porque desenvolvem um produto vinculado à cultura e ao Cerrado de Planaltina.

⁸ Participam desse APL principalmente professoras aposentadas.

Esse APL tem forte ligação com o patrimônio cultural (festas, tradições, representações dos casarões coloniais, etc) e o patrimônio ambiental de Planaltina. As festas tradicionais do Divino e outros festejos ligados à tradição católica são fortemente explorada por esse APL.

Tabela 3: Dados do APL Festejo Tradicional do Divinho Espírito Santo

Matéria-prima	Tecidos, linhas, agulhas, fitas, telas, tintas, couro, rendas, botões, lã, material de armarinho em geral.
Produtos	Estandartes, bordados, bandeiras, mandalas, adereços, quadros, toalhas, arranjos, quadros, caixas, “lembrancinhas” e produtos vinculados a Festa do Divino Espírito Santo e outros santos.
Características do processo produtivo	Uso de agulha e linha, para os bordados e estandartes; uso de equipamentos industriais (máquina de costura) para a elaboração dos estandartes; aquisição de outros produtos para compor o produto criado (especialmente material de armarinho, como fitas, rendas, linhas, lãs, etc); baixa divisão de tarefas; não existe contratação de mão-de-obra; trabalho manual coletivo e individual; dedicação parcial à produção; espaço para inapropriado para a produção; não passou por processos de capacitação formal.
Financiamento da produção	Uso de recursos próprios; sem apoio financeiro público.
Rendimento do APL	Até R\$ 500,00 mensal.
Representações identificadas	Associação Nós do Cerrado
Principais dificuldades	Falta de espaço apropriado para a produção; falta de local para venda do produto; falta de tempo para se dedicar mais a produção, especialmente para aquelas que não são aposentadas.
Relação com o patrimônio de Planaltina	Apresenta vinculação direta com o patrimônio cultural de Planaltina e tem se preocupado em promover o fortalecimento com esse patrimônio e a identidade da cidade, especialmente suas tradições religiosas, como a festa do Divino e outras. Promove também a valorização e identidade com o Cerrado.
Potencial de ampliação do APL	Apesar do grupo se reconhecer como uma “atividade terapêutica” apresenta muito potencial para o desenvolvimento da APL.

Fonte: Dados da Pesquisa, Junho de 2015.



Integrantes da APL Festejo Tradicional do Divino Espírito Santo, Marize Jardim e Maria das Graças, Foto: Simone Macedo, 2014.



Bordado da Pomba do Divino Espírito Santo. APL APL Festejo Tradicional do Divino Espírito Santo. Foto: Simone Macedo, 2014.



Estandartes da Festa do Divino Espírito Santo, produzidos por Rozeli Ferreira. Foto: Simone Macedo, 2014.

APL de Produtos Recicláveis

Este arranjo produtivo local é composto por artesãos e artesãs que trabalham com uma produção voltada para produtos recicláveis bastante diversificados, tais como: esculturas de animais do Cerrado em sucata; bolsas feitas de reutilização de banners com pinturas de árvores, flores e animais do Cerrado; cestaria trançada de jornais e revistas; animais do Cerrado e outros objetos feitos a partir de garrafas pets e outros objetos; vestidos customizados a partir da reutilização de papel, CDs, fitas VHS, etc.

Características do APL: No APL, o grupo que produz bolsas feitas de reutilização de banners tem uma marca consolidada, Coletivo Maria Faceira, e já foi um coletivo bem maior do que é hoje. Os artesãos que tem produção individual reconhecem o potencial do coletivo, mas não estão organizados/associados a nenhum coletivo. Possui forte espírito empreendedor, mas sinalizam com dificuldades para ampliar e formalizar os produtos que criam. Alguns integrantes do APL já passaram por cursos e processos de capacitação. Apresentam preocupação em transmitir o conhecimento, embora tenha integrantes que não têm mais interesse em repassar seu conhecimento, devido ao descrédito nas políticas públicas.

Tabela 4: Dados do APL Maria Faceira

Matéria-prima	Banners usados, tecido, linhas, agulhas, fitas, telas, tintas, couro, botões, garrafas pets, jornais, revistas, sucata em geral, faixas de rua, madeira, argila, sementes, barro, tintas, telas, bambu, caules e raízes, fibras, flores, vidro, penas e todo material reciclável.
Produtos	Bolsas, sacolas, estojos, vestidos, cestaria, esculturas de animais do Cerrado
Características do processo produtivo	Característica do processo produtivo: uso de equipamentos industriais (máquina de costura); aquisição de outros produtos para compor o produto criado (especialmente material de armarinho, como fitas, telas, tintas, linhas, etc); baixa divisão de tarefas; não existe contratação de mão-de-obra; trabalho coletivo, mas existem empreendedores individuais; dedicação total à produção; espaço apropriado para a produção (somente para o Coletivo Maria Faceira), sendo que os outros artesãos não possuem espaço adequado. Alguns integrantes já passaram por processos de capacitação.
Financiamento da produção	Uso de recursos próprios; sem apoio financeiro público.
Rendimento do APL	Entre R\$ 501,00 e R\$ 1.000,00 mensal.
Representações identificadas	Coletivo Maria Faceira
Principais dificuldades	Mão-de-obra para trabalhar na produção; desagregação do coletivo; local de exposição de venda do produto; dedicação exclusiva à produção; ter espaço próprio e adequado para a produção; mais capacitação.
Relação com o patrimônio de Planaltina	Apresenta vinculação direta com o patrimônio de Planaltina, especialmente o patrimônio ambiental, promovendo a reciclagem de materiais. Promove também a valorização e identidade com o Cerrado, por meio de representações com pintura de animais e plantas da região.
Potencial de ampliação do APL	Alguns integrantes apresentam forte potencial de ampliação do APL, outros baixo potencial. A idade é apontada pelos integrantes como maior impedimento para aumentar o potencial da produção.

Fonte: Dados da pesquisa, Junho de 2015.



Bolsa reciclada, Coletivo Maria Faceira, artesã Magda dos Reis.
Foto: Regina Saraiva, 2015.



Pássaros de material reciclado da artesã Severina Gonçalves. Foto: Adeilton Oliveira, 2014.



Pássaros de material reciclado da artesã Severina Gonçalves.
Foto: Adeilton Oliveira, 2014.

APL Mulheres da Reforma Agrária

Este arranjo produtivo local é composto por artesãs moradoras de assentamentos rurais de Planaltina (Assentamento Pequeno William e Assentamento Márcia Cordeiro Leite) que trabalham com fibras de bananeira e palha de milho e com variedade de produtos naturais do Cerrado (folhas, sementes, flores, etc). Optou-se por identifica-lo por APL Mulheres da Reforma Agrária, destacando a características das mulheres que atuam neste tipo de arranjo produtivo.

Características do APL: caracterizado pela informalidade. O grupo é constituído por coletivos com espírito empreendedor e já passaram por processo formativo, com apoio do EMATER-DF (Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural do Distrito Federal). As participantes do APL participam constantemente de feiras e eventos em Planaltina e no DF. Não tem ponto fixo de venda. As mulheres trabalham sempre em coletivo para estimular a produção e terem sempre produtos para serem vendidos. Este APL é constituído de um coletivo de 12 (doze mulheres); nele atuam também os filhos de algumas artesãs. Preocupam-se com a transmissão do conhecimento apreendido, especialmente porque o produto é identificado como fonte de

renda. O grupo apresenta artesãs com muito tempo dedicado ao artesanato e outras que descobriram o artesanato acerca de cinco anos, após o processo de capacitação que receberam. A possibilidade de gerar renda foi um dos elementos que estimulou as recentes artesãs a se dedicarem à realização dessa produção.

Esse APL tem forte ligação com o patrimônio ambiental de Planaltina, promovendo a reutilização de materiais como palhas de milho e fibras de bananeira junto com sementes, folhas, flores do Cerrado.

Tabela 5: Dados do Mulheres da Reforma Agrária

Matéria-prima	Fibras de bananeira, palha de milho, folhas, sementes, flores, capim, madeira, fibras vegetais, metais, tecido, argila, barro, tintas, telas, bambu, couro, raízes, material de armarinho em geral, tintas naturais, cabaça, palhas em geral.
Produtos	Caixas, cachepôs, porta-retratos, baús, bonecas de palha; luminárias.
Características do processo produtivo	Trabalho artesanal com uso de equipamentos manuais; coleta de material para compor a produção; baixa divisão de tarefas; não existe contratação de mão-de-obra; trabalho manual coletivo; dedicação parcial à produção; espaço para inapropriado para a produção; já passou por processos de capacitação formal.
Financiamento da produção	Uso de recursos próprios; sem apoio financeiro público.
Rendimento do APL	Até R\$ 500,00 mensal (podendo chegar a R\$ 1.000,00 quando a venda é boa).
Representações identificadas	Associação dos Trabalhadores Produtores Rurais Esperança (ASPRAFES)
Principais dificuldades	Falta de espaço apropriado para a produção; falta de local de exposição e venda do produto; dedicação exclusiva à produção; local para coleta das plantas do Cerrado (lugares fora do DF); falta de transporte para o deslocamento dos lugares de coleta; falta de políticas públicas para fortalecer o trabalho da mulher rural.
Relação com o patrimônio de Planaltina	Apresenta vinculação direta com o patrimônio ambiental de Planaltina. O APL demonstra preocupação com a preservação do ambiente, especialmente em relação ao manejo das plantas que utiliza. Promove a valorização e identidade com o Cerrado.
Potencial de ampliação do APL	Apresenta forte potencial para a ampliação do APL, especialmente por ter coletivo organizado e acompanhamento de entidades de capacitação.

Fonte: Dados da pesquisa, Junho de 2015.



Baús com fibras de bananeira e sementes e flores do Cerrado, APL Mulheres da Reforma Agrária. Foto: Regina Saraiva, 2015.



Detalhe em Baú com fibras de bananeira e sementes e flores do Cerrado, APL Mulheres da Reforma Agrária. Foto: Regina Saraiva, 2015.

APL Maria do Barro de Tecelagem e Tapeçaria⁹

Este arranjo produtivo local é composto por um coletivo de artesãs que trabalham principalmente com tecelagem. Optou-se por identifica-lo por APL Maria do Barro, em referência ao nome da fundadora do grupo de mulheres artesãs que atuam no Instituto Maria do Barro.

Características do APL: caracterizado pela informalidade; constituído por coletivo com espírito empreendedor, mas que sinalizam com dificuldades especialmente de recursos financeiros para apoio à produção e espaços para comercialização; participam só de mulheres; refletem preocupação na transmissão do conhecimento, especialmente para os filhos (muitos atuam na produção) e entre os associados do Instituto Maria do Barro. Este APL foi selecionado por apresentar um coletivo já mobilizado para a produção da tecelagem tradicional em Planaltina.

Tabela 6: Dados do APL Maria do Barro

Matéria-prima	Tecidos, linhas, lãs, couro, material de armarinho em geral, ráfia, utiliza material reciclado (banners e outros), telas.
Produtos	Tapetes e tecidos em tecelagem tradicional.
Características do processo produtivo	A produção é realizada por meio de teares tradicionais, utilizando linhas, lãs e outros materiais; utiliza também produtos naturais do Cerrado. Possui espaço destinado a produção, onde o coletivo se organiza para produzir.
Financiamento da produção	Uso de recursos próprios; já contou com apoio financeiro público e privado.
Rendimento do APL	Até R\$ 500,00 mensal.
Representações identificadas	Instituto Maria do Barro
Principais dificuldades	Falta de apoio governamental; falta de local de exposição de venda do produto; dedicação exclusiva à produção.
Relação com o patrimônio de Planaltina	Apresenta vinculação indireta com o patrimônio cultural de Planaltina. Mas tem grande potencial para atuar diretamente, fortalecendo os aspectos históricos e tradicionais de Planaltina.
Potencial de ampliação do APL	Apresenta forte potencial para a ampliação do APL, especialmente por ter coletivo organizado voltado para a ampliação da produção.

Fonte: Dados da pesquisa, Junho de 2015.

⁹⁹ Nesta APL foi inserida a artesã Neusa Nery, que produz tapeçaria, mas que não pertence ao coletivo do Instituto Maria do Barro.



Tapeçaria tradicional, por Idalete Silva. Foto: Simone Macedo, 2014.



Tapeçaria tradicional da artesã Neusa Nery Idalete Silva.
Foto: Adeilton Oliveira, 2014.



Joseila Silva Souza, artesã da APL Maria do Barro. Foto: Simone Macedo, 2014.

APL Sementes do Buriti

Este arranjo produtivo local é composto por um coletivo de artesãs que trabalham principalmente com tapeçaria. Optou-se por identifica-lo por APL Sementes do Buriti, em referência ao nome da associação Sementes do Buriti que agrega o coletivo de mulheres.

Características do APL: caracterizado pela informalidade; constituído por coletivo de mulheres com espírito empreendedor, mas que sinalizam com dificuldades para a ampliação do arranjo produtivo; apresentam preocupação na transmissão do conhecimento. O APL apresenta processo de desmembramento do coletivo por falta de incentivo e apoio. O APL tem uma produção diversificada, a partir da tapeçaria fazem bolsas e carteiras. Tem trabalhos exportados para outros países.

Tabela 7: Dados do APL Sementes do Buriti

Matéria-prima	Tecidos, linhas, agulhas, fitas, couro, rendas, material de armarinho em geral, barbante, tela.
Produtos	Tapetes, bolsas, carteiras de tecido
Características do processo produtivo	Uso de equipamentos industriais (máquina de costura); aquisição de outros produtos para compor o produto criado (especialmente material de armarinho, como fitas, rendas, linhas, lãs, etc);

	baixa divisão de tarefas; não existe contratação de mão-de-obra; trabalho manual coletivo e individual; dedicação parcial à produção; espaço para apropriado para a produção; não passou por processos de capacitação formal.
Financiamento da produção	Uso de recursos próprios; sem apoio financeiro público.
Rendimento do APL	até R\$ 500,00 mensal.
Representações identificadas	Associação Sementes do Buriti
Principais dificuldades	Comercialização do produto e logística para o transporte da produção; mais espaço de divulgação do trabalho.
Relação com o patrimônio de Planaltina	Apresenta vinculação indireta com o patrimônio cultural de Planaltina.
Potencial de ampliação do APL	Tem espaço apropriado, mas necessita orientação para a produção. O ponto forte do APL é a tapeçaria, mas diversificam bastante a produção, pois consideram mais fácil para a venda; esse aspecto fragiliza o APL. Poderia potencializar mais o trabalho se explorasse mais o patrimônio local.

Fonte: Dados da pesquisa, Junho de 2015.

APL de Produtos da Tradição de Planaltina

Este arranjo produtivo local é composto por uma produção realizada por diversos artesãos e artesãs de Planaltina que têm vinculação com aspectos tradicionais/patrimoniais de Planaltina. Trata-se de uma produção relacionada aos aspectos da história sertaneja de Planaltina, a tradição rural goiana (selas e arreios, carros de boi, rodas de fiar, carroças, moendas, cerâmica tradicional popular, engenhos, capelas, oratórios, etc); à festas religiosas como a Via Sacra (sandálias de couro da Via Sacra); à representações dos antigos casarões coloniais de Planaltina; à brincadeiras tradicionais (bonecas de pano); à instrumentos musicais como violas. São artesãos que trabalham individualmente, mas que sinalizam para o potencial do seu trabalho com a formação de coletivos.

Características do APL: caracterizado pela informalidade; constituído por artesãos e artesãs com espírito empreendedor, sinalizam com a possibilidade de formação de coletivos, têm interesse em ampliar suas produções e promover a capacitação de mão-de-obra para seus produtos artesanais. Sinalizam com dificuldades para a ampliação dos coletivos; refletem preocupação na transmissão do conhecimento, apontado dificuldades e falta de interesse dos mais jovens em aprender os ofícios.

Tabela 7: Dados do APL Sementes do Buriti

Matéria-prima	Couro, madeira de refugo, MDF, tintas, barro, argila, tecido, madeira, linha, lã, agulha e outros materiais de armarinho.
Produtos	Selas, arreios, carros de boi, rodas de fiar, carroças, moendas, cerâmica tradicional popular, engenhos, capelas, oratórios, sandálias de couro, miniaturas dos antigos casarões coloniais, bonecas de pano, violas.
Características do processo produtivo	Processos artesanais e/ou com uso de equipamentos industriais de pequeno e médio porte; aquisição de outros produtos como couro e material de armarinho; baixa divisão de tarefas; existe contratação de mão-de-obra; trabalho manual individual (alguns coletivos familiares); dedicação de 6 a 8 horas diárias para a produção; espaço inapropriado, apesar de ser próprio na maioria dos casos; não indicaram processos de capacitação formal; alguns relatam que o produto vem de tradição familiar.
Financiamento da produção	Uso de recursos próprios; sem apoio financeiro público.
Rendimento do APL	Varia de R\$ 500,00 e R\$2.000,00
Representações identificadas	Associação dos Artesãos de Planaltina
Principais dificuldades	Falta de local para venda do produto; falta de apoio governamental; faltam cursos de capacitação; dificuldade em transmitir o conhecimento.
Relação com o patrimônio de Planaltina	Apresenta vinculação direta com o patrimônio cultural de Planaltina; tem se preocupado em promover os produtos especialmente em momentos de festas tradicionais da cidade.
Potencial de ampliação do APL	O APL tem potencial de ampliação, desde que haja organização para formar coletivos que tenham intenção em criar uma marca associada com os produtos da tradição de Planaltina.

Fonte: Dados da pesquisa, Junho de 2015.



Trabalho em miniatura de carro de boi, de Adeilton Oliveira. Foto: Adeilton Oliveira, 2014.



Bonecas de pano da artesão Valdineide Rodrigues. Foto: Adeilton Oliveira, 2014.



Artesão Samuel Pereira. Foto: Adeilton Oliveira, 2014.



Sandálias da Via Sacra. Produto de Antônio Alves. Foto: Adeilton Oliveira, 2014.

Planaltina território criativo

A cidade de Planaltina revelou-se por meio da pesquisa como um território criativo. Artesãos e artesãs estão presentes em todos os lugares da cidade e por meio de suas expressões artísticas revelam o potencial criativo existente em Planaltina. São promotores do desenvolvimento econômico local por meio de seus arranjos produtivos, estimulando a geração de renda e trabalho; ao mesmo tempo promovem o desenvolvimento cultural por meio da valorização do patrimônio cultural e ambiental da cidade.

Os arranjos identificados têm em sua produção o patrimônio cultural e ambiental e promovem o fortalecimento da identidade local de Planaltina como território criativo tradicional. Cultura e meio ambiente funcionam nesses APLs como elementos para estimular o potencial econômico. Essa potencialidade/valor agregado identificada durante a pesquisa precisa ser melhor explorada e esses “empreendedores culturais” serem sensibilizados para a importância dessa ação cultural e ambiental que desenvolvem no território.

A tradição cultural de Planaltina fortemente vinculada às festas tradicionais, especialmente as católicas (Festa do Divino Espírito Santo, Via Sacra, festejos de São Sebastião e outras) são elementos fundamentais dos APLs identificados. Entretanto foi possível identificar que outras tradições (vida rural, patrimônio arquitetônico, manifestações de outras tradições religiosas) também apresentam potencial para ampliação e potencialização desses arranjos produtivos locais. Até o aniversário de Planaltina, identificado como parte da tradição da cidade, foi revelado como momento importante para a promoção do impulso produtivo desses APLs.

A produção relacionada ao patrimônio ambiental de Planaltina também é um elemento fortemente presente nos APLs identificados. Apresentam potencial de crescimento, especialmente porque os produtos dizem respeito ao tema de interesse não somente local, mas global: a preservação ambiental.

Nesses arranjos produtivos, o fato do patrimônio cultural se somar ao patrimônio ambiental foi identificado como elemento potencializador desses APLs, podendo promover a identificação da produção local vinculada a esses dois eixos.

Em APLs vinculadas à produções tradicionais, como tecelagem e tapeçaria, ficou perceptível que mais organização e exploração de temas vinculados às festas e meio ambiente (Cerrado) poderia dar mais visibilidade à essa produção. A “marca” cultura e meio ambiente

pode ser mais explorada em alguns coletivos de produção, com a intenção de potencializar produção e venda.

Os arranjos produtivos locais identificados em Planaltina apresentam características de arranjo incipientes. Os arranjos incipientes são aqueles desarticulados, carentes de lideranças legitimadas. Falta integração entre os empreendedores/empresas o poder público e a iniciativa privada e uma visão mais ampla para o empresariado. Não há centros de pesquisa ou de profissionalização que poderiam contribuir para elaborar/implementar novos processos produtivos (CASTRO, 2009).

Tabela 8: Arranjos Incipientes

Arranjos Incipientes
<ul style="list-style-type: none">• Baixo desempenho empresarial.• Foco individual.• Isolamento entre empresas.• Ausência de interação do Poder Público.• Ausência de apoio/presença de entidade de classe.• Mercado local.• Base produtiva mais simples.• São carentes de recursos financeiros.• Não são satisfatoriamente contemplados com linhas de crédito pelos bancos tradicionais.• Mercado local ou microrregional.• Não apresentam competitividade para ações mais arrojadas.

Fonte: Adaptado a partir de Castro (2009).

APLs incipientes necessitam apoio governamental e de centros de pesquisa ou de profissionalização. A economia criativa existente em Planaltina ainda é muito pouco incentivada pelo poder público local. A falta de políticas públicas e de incentivos governamentais foram fortemente reforçados pelos artesãos e artesãs. Territórios criativos precisam ser permanentemente potencializados para que a condição de promotores do desenvolvimento local possa ser garantida, e para que tradições e cultura sejam salvaguardadas. Em se tratando de territórios tradicionais esse apoio/incentivo é ainda mais necessário.

Capacitação, fomento e oportunidades são demandas de artesãos e artesãs participantes da pesquisa. Esses elementos são condições importantes para que APLs não desapareçam e com eles os saberes e fazeres. É o caso do APL Sementes do Buriti, cujo coletivo está em processo de desagregação. A entidade de representação do coletivo é fraca e com capacidade baixa capacidade de mobilização. Nesse caso específico, outras instituições, como a universidade poderia fortalecer vínculos de articulação, interação e cooperação do APL. No

contexto dessas demandas, está presente a condição de valorização de dos saberes e fazeres tradicionais para que não se percam.

As entidades de classe/representação também precisam estar mais atentas para a dinamização de seus processos de organização e produção. As redes coletivas de representação são importantes para estimular não somente a produção, mas também exigir que políticas públicas possam atender as demandas desses coletivos. Existe uma desatenção dos artesãos e artesãs para esse aspecto.

Além disso, verificou-se baixa compreensão da importância do papel produtivo e cultural que realizam. Os valores (produtivos, culturais e de preservação do meio ambiente) que agregam ao território de Planaltina ainda precisam ser mais esclarecidos entre os artesãos e artesãs da cidade. Além da geração de trabalho e renda, são promotores da cultura local e da preservação ambiental.

Compreender e debater essas questões é fundamental para que Planaltina como território criativo não desapareça. Planaltina é um território tradicional sob ameaça. Essa “marca” presente na sua história, ainda é uma condição visível. A fragilidade na preservação do seu patrimônio arquitetônico (antigos casarões ameaçados), parques ecológicos não implantados (Cerrado não preservado), produtos tradicionais desvalorizados (sem espaço de venda e exposição) são exemplos dessa fragilidade.

Assim como os festejos tradicionais, especialmente os católicos, receberam apoio nos últimos anos e foram fortalecidos como representantes da identidade local, outros elementos presentes na cidade (referências às raízes sertanejas, o Cerrado remanescente, festejos de outras religiões, entre outros) ainda precisam ser valorizados e fragilidades superadas.

Nesse sentido, é preciso potencializar feiras; criar espaços permanentes e provisórios de exposição e venda; reconhecer o valor dos “produtos culturais da tradição” para o mercado e para a sociedade local. Garantir espaços de comercialização é imprescindível para que os APLs se desenvolvam e possam promover a contrapartida da riqueza e desenvolvimento locais.

Durante a pesquisa foi possível identificar espaços destinados aos artesãos e artesãs que se encontram num claro processo de extinção. São feiras que antes tinham espaços

destinados a pessoas e grupos de produção para exposição de seus trabalhos, mas hoje tiveram que ceder seus espaços para produtos industrializados ou “importados”.

A Casa do Artesão, importante centro de referência para os artesãos e artesãs da cidade, não consegue atender de forma ampla esse coletivo. Falta de incentivo governamental e de organização interna da Associação dos Artesãos de Planaltina não conseguem garantir que o espaço seja realmente coletivo. A Casa do Artesão poderia funcionar como espaço coletivo para comercialização dos APLs e de outros artesãos que tivessem interesse em expor e vender sua produção.

Outra referência importante em Planaltina é o Museu Histórico e Artístico de Planaltina. Esse espaço privilegiado por ser um dos lugares mais visitados da cidade não tem em seu acervo nenhum material dos artesãos e artesãs da cidade. Esse espaço tem grande potencial para promover exposições permanentes e provisórias desses coletivos produtivos que têm vínculos tão fortes com o patrimônio cultural e ambiental de Planaltina.

As feiras provisórias e permanentes são espaços privilegiados onde as expressões culturais podem ser potencializadas, mas a cidade carece de ações nesse sentido. Iniciativas foram identificadas, como a ação promovida pela Associação dos Amigos do Centro Histórico, entidade da sociedade civil que mobiliza coletivos para a proteção do patrimônio cultural da cidade, mas que apresenta dificuldades e falta de apoio governamental para seu pleno desempenho.

Em Planaltina a condição de incipiência dos APLs precisa ser superada. Para isso, o apoio de instituições públicas e privadas e de centro de pesquisa é fundamental. Em Planaltina, a presença da Universidade de Brasília/Faculdade UnB Planaltina (FUP) sinaliza como algo positivo na constituição dos APLs, mas sua atuação ainda é embrionária e tem dado pouco impulso ao fortalecimento desses arranjos produtivos. A FUP/UnB por meio de sua condição de instituição de pesquisa pode agregar mais aos APLs identificados e contribuir para potencializá-los. A Universidade é parceira estratégica para estimular o território criativo e precisa estar mais comprometida com esses coletivos produtivos/criativos.

A pesquisa revelou/desvelou arranjos produtivos locais cujos artesãos e artesãs são “empreendedores da tradição cultural” e que eles também têm papel decisivo na preservação do patrimônio cultural e ambiental da cidade. São importantes agentes e precisam ser valorizados para que Planaltina como território criativo se fortaleça e não desapareça.

V. DA EQUIPE ENVOLVIDA

Coordenação geral

Prof. Regina Coelly Fernandes Saraiva

Professora Adjunta da Universidade de Brasília/Faculdade UnB Planaltina

Auxiliares de Pesquisa:

Christiane Machado Coelho

Professora Adjunta da Universidade de Brasília/Departamento de Sociologia –

Izabella Fagundes Braga Ferreira – Mestre em História/Universidade de Brasília

Auxiliares na aplicação de questionários e sistematização dos dados:

Adeilton Oliveira de Souza

Simone dos Santos Macedo

Wellington Pereira Brito

Jonathas Felipe Aires Ferreira

Registro audiovisual e fotográfico / edição de imagens e vídeo-documentário

Cleon Alcides Homar

O projeto previa a colaboração do Núcleo de Estudos Urbanos e Territoriais (NUT) do Laboratório Nacional de Engenharia Civil – LNEC, Lisboa, Portugal, mas não foi possível realizar a parceria com a referida instituição, em função da indisponibilidade da pesquisadora Marluci Menezes, inicialmente contactada para contribuir com a pesquisa.

IV. DOS RECURSOS FINANCEIROS

(Ver tabela anexa)

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O projeto *Território, patrimônio e identidade cultural na economia criativa em Planaltina – DF* teve como intenção produzir resultados que potencializem a discussão em torno da valorização de Planaltina como um território criativo, tendo como referência seu patrimônio cultural e ambiental. A cidade (re)vive um movimento de afirmação da identidade local, e muitas ações voltadas para a valorização do patrimônio cultural têm mobilizado atores sociais engajados nesse debate e luta.

A pesquisa revelou que existem muitos outros arranjos produtivos locais vinculados ao patrimônio cultural e ambiental de Planaltina que ainda precisam ser estudados. Muitos artesãos e artesãs entrevistados foram, ao longo da pesquisa, fazendo indicações e apontando a presença de novos coletivos produtivos que têm preocupação com o patrimônio ambiental e cultural da cidade. Esse indicativo abre possibilidade para novas pesquisas. A pesquisa *Território, patrimônio e identidade cultural na economia criativa em Planaltina – DF* apenas abriu as portas para o debate dos territórios criativos no DF e o Edital CNPq/MinC/SEC N.º 80/2013 foi fundamental neste sentido.

O projeto de pesquisa previu a realização de seminários para fomentar o debate Planaltina como território criativo. Essa ação está prevista para o segundo semestre de 2015, momento previsto também para a devolução da pesquisa.

A realização de seminário sinaliza para uma atuação da Universidade de Brasília, campus Planaltina, mais próxima do debate sobre a condição dos arranjos produtivos locais da cidade. Além de contribuir para que atores locais, coletivos produtivos, sociedade civil organizada, entes governamentais e privados, pesquisadores, possam discutir sobre a importância de salvaguardar Planaltina como território tradicional criativo.

Pretende-se também que o resultado da pesquisa seja divulgado nas escolas da rede pública de ensino de Planaltina, por meio de vídeo-documentário, com a intenção de mobilizar e contribuir com a valorização do patrimônio e identidade local, visando potencializar e promover o (re)conhecimento da cidade como território criativo.

REFERÊNCIAS

BERTRAN, Paulo. **História da terra e do homem no Planalto Central**: eco-história do Distrito Federal - do indígena ao colonizador. Brasília: Verano, 2000.

BARTHOLO JR., Roberto S. **Os labirintos do silêncio**. Cosmovisão e tecnologia na modernidade. Rio de Janeiro: Marco Zero/ Coppe/UFRJ, 1986.

BRASIL, Governo Federal. **Plano da Secretaria da Economia Criativa**: políticas, diretrizes e ações, 2011-2014. Brasília: Ministério da Cultura, 2012.

CASTRO, Luiz Humberto de. **Arranjo produtivo local**. Série Empreendimentos Coletivos. Brasília : SEBRAE, 2009.

CASSIOLATO, José E.; LASTRES, Helena M. M. **Glossário de Arranjos e Sistemas Produtivos e Inovativos Locais**. Rede de Pesquisas em Sistemas Produtivos e Inovativos Locais, coordenado pelo Instituto de Economia da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ)/SEBRAE, 2003.

CASTRO, Mário. **Realidade pioneira**. Brasília: Ed. Thesaurus, 1986.

CHAUL, Nars Nagib Fayad. **Caminhos de Goiás**: da construção da decadência aos limites da modernidade. Goiânia: Editora UFG/Ed. UCG, 1997.

COMPANHIA DE PLANEJAMENTO DO DISTRITO FEDERAL (CODEPLAN). **Pesquisa Distrital por Amostra de Domicílios**, 2010/2011.

CORRÊA, Margarida Maria da Silva. Naturalistas e viajantes estrangeiros em Goiás (1800-1850), In: CHAUL, Nasr Fayad; RIBEIRO, Paulo Rodrigues (Orgs.). **Goiás**: identidade, paisagem e tradição. Goiânia: Editora UCG, 2001.

DEPARTAMENTO DE PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO DO DISTRITO FEDERAL. **Ruas de Planaltina**: inventário do Patrimônio Cultural de Planaltina. Brasília: Secretaria Estado de Cultura do Distrito Federal/GDF, 1998.

DEPARTAMENTO DE PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO DO DISTRITO FEDERAL. **Patrimônio nas ruas**. Brasília: Secretaria de Estado de Cultura do Distrito Federal/GDF, 2002.

ELEUTÉRIO, Robson. **Na rota das nascentes**: a história da região do DF. Brasília: Editora Instituto Cerratense, 2013.

FERNANDES, R. **Cidades e regiões do conhecimento**: do digital ao inteligente – estratégias de desenvolvimento territorial: Portugal no contexto europeu. Coimbra: FLUC, 2008.

FERNANDES, R.; GAMA, Rui. **A criatividade territorial em Portugal**: dos indicadores aos territórios criativos. Disponível em: <https://estudogeral.sib.uc.pt/bitstream>. Acesso em: 13 de agosto de 2013.

GIL, A. C. **Técnicas de pesquisa em economia e elaboração de monografias**. 3ed. São Paulo: Atlas, 2000.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE), **Censo Demográfico**, 2010.

MAGALHÃES, Luiz Ricardo; ELEUTÉRIO, Robson Eleutério. **Estrada Geral do Sertão** – na rota das nascentes. Brasília: Editora Terra Mater Brasilis, 2008.

MATTOS, Olgária. Memória e história em Walter Benjamin, In: **O direito à memória: patrimônio histórico e cidadania**. Secretaria Municipal de Cultura de São Paulo. Departamento do Patrimônio Histórico, São Paulo: DPH, 1992.

MINISTÉRIO DO DESENVOLVIMENTO, INDÚSTRIA E COMÉRCIO EXTERIOR. **Programa do Artesanato Brasileiro (PAB)**. Brasília, 2012.

MONTI, E. **Sertão-Brasília: história, cultura e meio ambiente: interações na criação de materiais educativos**. Dissertação de Mestrado, Centro de Desenvolvimento Sustentável/UnB, Brasília: Universidade de Brasília, 2002.

SCHETTINO, M.P.F. **Espaços do sertão**. Dissertação de Mestrado, Departamento de Antropologia/UnB. Brasília: Universidade de Brasília, 1995.

SECRETARIA DE ESTADO DE DESENVOLVIMENTO URBANO E MEIO AMBIENTE. **Plano Diretor de Ordenamento Territorial do Distrito Federal (PDOT)**. Documento Técnico. Brasília-DF, novembro de 2009.

SINGER, PAUL. **Introdução à Economia Solidária**. 4. Ed. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2010.